

CÂMARA
LEGISLATIVA
DISTRITO FEDERAL

Em 07/02/13
2013/17
Ass. Jurídica do Legislativo

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº PDL 189 /2013
(Da Deputada Arlete Sampaio)

Concede Título de Cidadão Honorário de Brasília ao arquiteto, urbanista e professor José Carlos Córdova Coutinho.

A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL decreta:

Art. 1º Fica concedido o Título de Cidadão Honorário de Brasília ao arquiteto, urbanista e professor José Carlos Córdova Coutinho.

Art. 2º Este Decreto Legislativo entra em vigor na data de sua publicação.

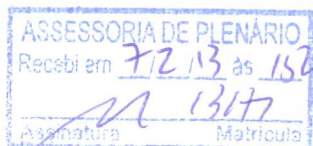
JUSTIFICAÇÃO

José Carlos Córdova Coutinho, ou simplesmente Coutinho, como é afetuosamente chamado, já pertence à história e ao imaginário de nossa cidade. Arquiteto, urbanista, professor e, sobretudo, cidadão exemplar, o mais brasiliense dos gaúchos, com seu jeitão elegante e fala gentil, minimiza - sinceramente modesto - sua grandeza, o que o faz ainda maior.

Coutinho pouco fala de si, mas quem o conhece tem coisas muito bonitas para contar. E foram depoimentos dos que desfrutaram ou já desfrutaram de sua companhia e de suas preciosas orientações - como parceiros de militância cidadã, como colegas de profissão, como alunos, ou simplesmente como amigos - que fundamentaram a presente justificação, particularmente os textos elaborados pelos professores da Universidade de Brasília, Benny Schasberg e Nair Heloísa Bicalho de Sousa.

Natural de São Leopoldo, Coutinho formou-se arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), na cidade de Porto Alegre, em 1960. Tem pós-graduação *lato sensu* em Planejamento Urbano pelo Instituto Brasileiro de Administração Municipal e pela Universidade de Edimburgo, Escócia. Na UFRGS, foi professor da Faculdade de Arquitetura entre 1967 e 1968. Em 1968, foi convidado a tornar-se professor visitante da Universidade de Brasília (UnB) sendo, em seguida, contratado como professor do quadro permanente.

Já em 1968, foi Chefe do Departamento de Teoria e História da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do então Instituto de Artes da UnB, sendo, posteriormente, Chefe do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Artes (1971). Quando este departamento se emancipa do Instituto de Artes, o professor Coutinho torna-se Diretor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo, eleito para o período de 1976 a 1978. De 1968 a 2005, teve atuação docente incessante na graduação, nas áreas de teoria e história da arquitetura e urbanismo, e no programa de pós-graduação - especialização e mestrado - em planejamento urbano. Além de sua trajetória docente,



Setor Protocolo Legislativo
PDL Nº 189 / 2013
Folha Nº 01 de 01

teve atuação marcante como colaborador do Centro de Planejamento da UnB (CEPLAN).

Na UnB, também foi membro da Câmara de Extensão, em 1970, e do Conselho Universitário, a partir de 1994. Quando, por eleição, foi escolhido reitor o professor Antonio Ibañez para a gestão 1989 – 1993, o professor Coutinho foi convidado a ser o seu chefe de gabinete por todo esse período. Aposentado por implemento de idade, não perdeu o vínculo com a instituição que ajudou a erguer. Depois de integrar a Comissão UnB nos 50 anos de Brasília, atualmente é membro do Conselho Editorial da Editora UnB e da Comissão UnB 50 anos.

Cabe destacar que, ao longo dos duros anos de vigência do regime militar, especialmente quando o obscurantismo e a perseguição política e ideológica abateram-se sobre a Universidade de Brasília, o professor Coutinho sempre manteve uma postura clara e firme em defesa das liberdades democráticas, sendo sempre uma referência solidária no combate a toda e qualquer prática autoritária da ditadura, seja no ambiente universitário seja na sociedade brasileira e latino-americana.

Registre-se, a propósito, que o professor Coutinho, chamado a integrar os quadros da UnB a partir de 1968, formou parte do grupo de reconstrução da universidade após a diáspora de 1965, tão bem descrita por Roberto Salmeron em seu livro *A universidade interrompida* (Brasília, ed. UnB, 2ª. edição, 2012). Como tal, ele integrou o núcleo crítico de retomada do projeto da UnB, apesar do vigor restritivo do grupo interventor, apoiado no modelo de segurança derivado do AI-5 e de sua expressão universitária, o Decreto-lei nº 477.

Em tempos difíceis, de autoritarismo brutal, o professor Coutinho, enquanto contribuía para o trabalho de resgate de sua faculdade e da UnB como um todo, o fez de modo a preservar a integridade de seu comprometimento com a resistência democrática, na universidade e na cidade. Em depoimento recente (2012), o professor Marco Antonio Rodrigues Dias, confirma a postura corajosa de Coutinho, colocando em relevo sua atitude na crise de 1977, em que greve estudantil resultou na expulsão de mais de 30 alunos, que só foram reintegrados por posterior decisão judicial, uma vez que no Conselho Universitário somente duas vezes se opuseram ao ato arbitrário da reitoria, adotado com base no Decreto-lei nº 477: a do próprio Marco Antonio Dias e a do professor Coutinho.

Vale transcrever parte do depoimento mencionado:

"É difícil de se analisar uma atitude como a do professor Coutinho, hoje, passados 35 anos. Na época, era necessária uma grande força de convicção e uma coragem a toda a prova para se opor ao que estava impondo a administração da Universidade. A prova é que apenas um tomou a atitude de enfrentar as pressões. Os demais, ou eram favoráveis a uma repressão cega, ou não encontraram força para reagir à pressão que sobre eles se fazia e à violência institucional imposta aos jovens estudantes. O professor Coutinho, que liderava um grupo de professores competentes e inovadores, que dirigia uma unidade que se destacava pela excelência do ensino ministrado e pela visão social dos membros que compunham sua comunidade e ainda pela qualidade dos trabalhos de pesquisa sobre novas formas ali realizadas, foi capaz de se posicionar segundo sua consciência. Era um grande acadêmico na



sala de aula, um bom gestor da unidade acadêmica a ele entregue, e um professor capaz de defender os princípios humanistas e os ideais universitários nas condições as mais difíceis. Um exemplo para a comunidade acadêmica”.

Este episódio está registrado no livro *Sonho e realidade: o movimento docente na Universidade de Brasília 1977-1985*. Publicado em 1994 pela Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB), o livro conta a história da fundação da entidade numa conjuntura de afirmação democrática da liberdade de cátedra e de organização profissional dos professores e de defesa da própria UnB, ainda sob forte intervenção. A narrativa reafirma a participação do professor Coutinho, mas faz mais do que isso. O capítulo *Nasce o Conselho Universitário da UnB* mostra que esse colegiado, previsto no estatuto, mas não instalado, foi constituído e convocado às pressas em 17 de junho de 1977, apenas para cumprir requisito legal de fundamentar e ratificar ato do reitor, expulsando os estudantes, de forma submissa àquela autoridade investida de poderes derivados dos atos de exceção do governo ditatorial. A coragem, a independência e a altivez do professor Coutinho, naquela ocasião, assinalaram o que viria ser o futuro – hoje realidade - do colegiado máximo da Universidade de Brasília, órgão soberano, plural e plenamente deliberativo da instituição.

Simultaneamente à rica trajetória no âmbito acadêmico, em que formou metade dos professores atuantes na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB e gerações de arquitetos e urbanistas, o professor Coutinho ofereceu também inúmeras contribuições externas à universidade. Atuou na esfera do Governo Federal como membro da Comissão de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (CEAU) do então Ministério da Educação e Cultura, de 1973 a 1979, e na esfera do Governo do Distrito Federal como membro dos Conselhos de Cultura do Distrito Federal, de 1990 a 1992, e de Educação do Distrito Federal, de 1996 a 1998. Foi professor convidado no Curso de Especialização em Restauração e Conservação de Monumentos e Conjuntos Históricos, realizado pela Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1978.

Vale, ainda, uma referência ao papel de José Carlos Córdova Coutinho como liderança da categoria profissional dos arquitetos em Brasília, na condição de Presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil, Departamento de Brasília (IAB/DF), no período de 1982 a 1984. Nessa esfera de atuação, participou da Coordenação do Programa Educativo da Bienal de Arquitetura de Brasília em 2002; foi membro do Júri de seleção e premiação do Prêmio Rodrigo Mello Franco, outorgado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2006; e foi representante de Brasília no Simpósio sobre Cidades Contemporâneas em Le Havre, França, em 2007.

O professor Coutinho é reconhecidamente um dos mais destacados intérpretes e defensores do projeto urbanístico de Brasília na sua expressão social e cultural. Nesse aspecto, aliás, é uma referência, sendo invariavelmente apresentado como um árbitro para a definição dos princípios e valores que fundamentam os discursos sobre a cidade e sua preservação como Patrimônio Mundial.

Notável, nesse sentido, é a percepção que trouxe da dimensão política que deveria balizar o plano orientador da cidade. Segundo Coutinho (Polis, aos 30. Brasília na Constituinte, Jornal de Brasília, 15/11/87, Caderno Especial Brasília):



*"Era intenção explícita do autor de seu plano que Brasília, além de uma moderna **urbs**, no seu sentido mais pragmático e funcional, fosse também uma bela e monumental **civitas**, digna de sua condição de capital nacional. Esta dupla exigência estaria, segundo Lucio Costa, atendida pelas características de seu plano vencedor. Mas havia uma outra exigência que não poderia se conter nos limites técnicos ou estéticos de um plano urbanístico, nem poderia ser alcançada através da outorga de qualquer ato de vontade oficial. Era a exigência de que Brasília, além de uma **urbs** e de uma **civitas**, fosse também uma **polis**. Esta terceira condição só poderia ser conquistada por sua população, quando se tornasse numérica e qualitativamente significativa, maturando suas formas de organização social e desenvolvendo meios próprios que lhe permitissem enfrentar a árdua prática de sua luta cotidiana, apropriando-se da **urbs** e da **civitas**, para acrescentar-lhe, finalmente, a dimensão da **polis**".*

Como reconhecimento por sua trajetória, o professor Coutinho foi laureado com a merecida condecoração "Ordem do Mérito de Brasília" e, recentemente, com o título de "Professor Emérito da Universidade de Brasília".

Coutinho muito contribuiu e continua, generosamente, a oferecer sua contribuição à universidade e a Brasília, qualificando o debate sobre a preservação de nossa cidade-patrimônio e sobre os rumos de seu desenvolvimento urbano, territorial e, acima de tudo, humano.

Assim, por seu exemplo de conduta acadêmica, ética e cidadã e por sua ativa militância intelectual, propositiva e estimuladora de mais de quatro décadas de vida cultural e política de Brasília, o professor José Carlos Córdova Coutinho é merecedor do título de *Cidadão Honorário de Brasília* e da reverência desta Câmara Legislativa e de todos os brasilienses.

Para quebrar o tom protocolar de que se revestem os textos legislativos, e para sintetizar o que o homenageado tem de melhor, seu enorme coração, nada melhor do que a transcrição do belo texto de Conceição Freitas Coutinho, o *Feiticeiro de Bem* (Correio Braziliense, 8 /11/2012, Crônica da Cidade), para encerrar-poetizar a presente justificação.

"Há um exemplar da espécie brasiliensis que está em qualquer lista do que de melhor esta cidade abriga e nos oferece. Quem frequenta o circuito cultural de Brasília o conhece; quem faz parte da turma de arquitetos, urbanistas e simpatizantes também tem o privilégio de habitar a atmosfera que ele emana. Quem convive com o arquiteto e professor José Carlos Coutinho sabe que não estou exagerando; quem ouviu o discurso do fotógrafo Luis Humberto, na manhã da segunda-feira passada, na Universidade de Brasília, sabe mais ainda. Se já sabia, ampliou seu saber e renovou sua admiração pelo personagem que alimenta docemente a fé na humanidade. Não estou exagerando, acreditem. E, se duvidam de mim, reproduzo a seguir trechos das palavras de Luis Humberto quando da cerimônia de outorga do título de professor emérito da UnB a José Carlos Coutinho. Tudo o mais que eu disser será desnecessário.

Também professor emérito e também arquiteto, Luis Humberto lembrou as



circunstâncias históricas da vinda de Coutinho para a UnB em 1968. A universidade sonhada por Darcy Ribeiro tentava recuperar o brio e a qualidade depois dos danos causados pela ditadura. "Coutinho, gaúcho de São Leopoldo, vivia seus rumos iniciais como arquiteto e professor. Convidado para viver o resgate do sonho interrompido, foi colocado diante de uma decisão difícil. Largar seus promissores caminhos na arquitetura e na universidade, deixar sua terra natal e dedicar-se de corpo e alma a uma aventura de resultados incertos, mas de fascinantes encantos."

O jovem professor Coutinho "jogou-se, como sempre fez e faz, de coração aberto na formação de pessoas, não à sua imagem e semelhança, mas na procura da ampliação de limites, dentro do possível de cada um". Eram sombrios aqueles tempos, donde a coragem e a generosidade eram produtos escassos. "Coutinho dispôs-se à busca de conhecimento, a essa luta interminável, em uma época de dificuldades imensas em que predominaram a má-fé e a maldade, sendo digno e verdadeiro no enfrentamento dos feiticeiros do mal, cujo mago maior melhor nem sequer pronunciar o nome."

O feiticeiro do bem lança seus encantamentos para além dos limites acadêmicos. "Coutinho é a UnB fora de seus muros. Sua presença é notada e querida. Sua inteligência aguda e crítica enriquece todos os eventos que vai - e ele frequenta todos ou quase todos. Em Brasília, todo mundo conhece Coutinho, e quem não conhece não sabe o que está perdendo."

Quando chegou sua vez de falar, Coutinho reconstituiu seu percurso na UnB em seus momentos mais graves, agradeceu o reconhecimento e valeu-se de João Cabral de Melo Neto: "Fazer o que seja é inútil./Não fazer nada é inútil./Mas entre fazer e não fazer/mais vale o inútil do fazer."

A inutilidade operante pode não mover montanhas, mas dá uma força danada para quem não quer, não pode, desistir. Ensinaamentos do professor Coutinho, que de inútil não tem nada."

Sala das Sessões, em


DEPUTADA ARLETE SAMPAIO





CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

ASSESSORIA DE PLENÁRIO E DISTRIBUIÇÃO

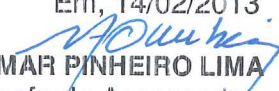
Parâmetros de Pesquisa

Tipo de Proposição : PDL - Projeto de Decreto Legislativo
Ano : 1991 a 2013
Palavra-Chave : JOSÉ CARLOS CÓRDOVA COUTINHO
Data : 14/02/13 13:27:12

Não existem proposições com os parâmetros fornecidos !

Ao Protocolo Legislativo para indexação e, em seguida, ao SACP para conhecimento e providências protocolares informando que a matéria tramitará em análises de mérito e admissibilidade na CAS e CCJ.

Em, 14/02/2013


ITAMAR PINHEIRO LIMA
Chefe da Assessoria
Mat.10.694

Sector Protocolo Legislativo
PDL Nº 189 / 2013
Folha Nº 06 BIA